

Repensando a questão do hábitat no Brasil

Roberto Schmidt de Almeida*

Introdução

Discutir objetivamente o abandono dos estudos sobre hábitat na Geografia brasileira não é uma tarefa fácil, em virtude dos fortes componentes emocionais e ideológicos que sempre gravitaram em torno de dois grupos de geógrafos: os agrários e os urbanos.

O problema é antigo e não somente brasileiro. Max Sorre (1952) já havia percebido que a noção de gênero de vida, e suas conseqüências para os estudos do hábitat na França do pós-guerra, encaminhavam-se para além do mundo rural em direção ao urbano, tanto é que explicitou os quatro tipos de desenvolvimento do estudo do hábitat 1- hábitat rural; 2- as formas de transição, características originais do hábitat urbano; 3- hábitat urbano; e 4- as formas mais evoluídas do hábitat urbano (as grandes cidades).

Para Max Sorre, o mecanismo das migrações também teria um papel crucial nos estudos futuros sobre o hábitat, pois grandes alterações já eram pressentidas por ele, em razão do forte processo de industrialização por que o mundo estava passando no início dos anos 50.

Grabois (1993), em seu trabalho sobre as características atuais do hábitat de transição rural/urbano no norte de Pernambuco, recupera as colocações de Sorre, quando indaga “Que urbano é esse?” e “Que rural é esse?” ao discutir uma forma peculiar de hábitat “a ponta de rua”, num contexto de pobreza rural nordestina dos anos 90.

Por hora, devemos ter em mente que o aparente abandono dos estudos sobre hábitat no Brasil tenha se dado mais em função de um fortalecimento dos estudos urbanos (sistemas de cidades), que ocorreu após 1956, por influência de Michel Rochefort, do que por causa da

efêmera Geografia Quantitativa (que conseguiu um feito importante, ser mais discutida do que efetivamente trabalhada, em virtude da reconhecida inabilidade do geógrafo brasileiro médio em trabalhar com a matemática e a estatística). É válido também considerar que o forte enfoque econômico de que foram conduzidos uma boa parte dos trabalhos de geógrafos agrários, após a década de 60, também tenha contribuído para esse abandono

Talvez esteja aí uma das respostas à dificuldade de Grabois (1993, p. 9) em compreender porque uma das tendências recentes da Geografia - a Geografia Crítica - não nos tenha apresentado algum trabalho que enfoque prioritariamente o hábitat rural...

Apesar do caráter inescapavelmente polêmico da questão, é necessário considerar que os geógrafos das décadas de 60, 70 e 80, quantitativos, marxistas, tecnocrata-

* Pesquisador Titular do Departamento de Geografia da Diretoria de Geociências - DGC - do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE-, Doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
R. bras. Geogr., Rio de Janeiro, v. 57, n. 4, p. 109-122, out. dez., 1995

tas ou o nome que se queira dar, viraram as costas para a Geografia Física, e que com isso asfixiaram perigosamente a mais importante tradição da Geografia legada pelos franceses - a relação Sociedade/Meio. Tal situação somente veio apresentar modificação no final dos anos 80 e início dos 90, com a emergência dos estudos ambientais (*assim mesmo, por estarem agregados a muitos milhões de dólares que agências internacionais e ONGs estão acenando*)

O conceito de *habitat*

Natura non, nisi parendo, vincitur
(*Só se vence a natureza obedecendo suas leis*)

Francis Bacon

Chama-se habitat o modo de distribuição dos lugares habitados no interior de uma determinada região. Sendo a noção de lugar inseparável, neste caso, da noção de seu conteúdo humano, pode-se igualmente escrever que habitat é o modo de distribuição da população no interior de um espaço considerado.

Pierre George

Para trabalhar o conceito de *habitat* será necessário constituir alguns pré-requisitos básicos, e por isso teremos, que nos reportar a Vidal de la Blache (1845-1918), fundador da moderna Escola Francesa de Geografia Humana, que estabeleceu que o meio natural era o principal elemento nivelador e harmonizador de grupos sociais heterogêneos. Para uma avaliação mais profunda da obra de Vidal de la Blache e da *tradição vidaliana*, o livro de Buttimer (1980) dá uma contribuição inestimável no entendimento da evolução da relação sociedade/meio no contexto aca-

dêmico francês, desde o Século XVIII.

No entanto, se o leitor estiver interessado no entendimento entre a ocupação humana e as condições naturais desde a antiguidade até a renascença deve pesquisar no clássico de Clarence J. Glacken, escrito nos anos 50, *Traces of the Rhodian Shore*, considerado o mais completo trabalho sobre o assunto (Glacken, 1990).

A concepção de Geografia Humana para Vidal de La Blache tinha a natureza como um fator preponderante. Buttimer (1980, p. 61) cita textualmente um discurso pronunciado em aula inaugural na Universidade de Paris, que foi posteriormente publicado nos *Annales de Géographie de 1913*:

A Geografia, que se inspira na idéia de unidade terrestre, tem como missão principal averiguar como as leis físicas e biológicas que regem o mundo se combinam e se modificam ao serem aplicadas a diferentes partes da superfície terrestre. Tem como objeto de estudo especial a expressão mutável que, segundo sua localização, a aparência da terra adota.

A principal ligação feita por Vidal de la Blache entre a natureza e a sociedade no espaço foi o desenvolvimento do conceito de *Genre de Vie*, instrumento analítico que reconhece o mecanismo de integração entre o meio e a organização social de um grupo, com vistas ao seu sustento cotidiano. Do imenso trabalho de Vidal de la Blache em sistematizar e classificar espacialmente a noção de gênero de vida, originou-se a *tradição vidaliana* que teve com principais representantes Jean Brunhes, Albert Demangeon e Maximilien Sorre (principalmente no que diz respeito a gênero de vida e *habitat*)

Brunhes (1869-1930) enfatizava a importância de se estabelecer a criação de uma geografia do trabalho como um objeto de análise mais objetiva para o entendimento do conceito de gênero de vida. Tal ênfase pode ser percebida na sua obra de 1902, em sua tentativa de classificação dos fenômenos que regem as atividades humanas: 1- fenômenos de ocupação improdutivo do solo (casas e caminhos); 2- fenômenos de domínio sobre plantas e animais (campos de cultivo e áreas de criação); e 3 - fenômenos de economia destrutiva (exploração mineral e atividades de devastação da vida animal e vegetal), ver Brunhes (1962, cap. III, IV e V).

Para Buttimer (1980, p. 86), a Geografia francesa deve a ele ... *a primeira formulação explícita de orientação sistemática da Geografia Humana na escola Francesa, fórmula que, sem dúvida, inspirou as posteriores investigações de Demangeon, Sorre e Deffontaines. Suas investigações substantivas sobre doenças, ritmos de trabalho, tipos de habitação e cidades demonstraram a validade de uma orientação desse tipo, e seus notáveis estudos de casos mostraram como essa perspectiva podia enriquecer o trabalho regional.*

Albert Demangeon (1872-1940) introduz a abordagem funcional, em paralelo à morfológica, que era corrente na época, para os estudos de *habitat* e povoamento (Demangeon, 1942). Seu sistema classificatório de aglomerado, aldeia e cidades e seu índice estatístico de dispersão são utilizados ainda hoje pelas agências censitárias em suas tarefas pré-definidoras ao planejamento de logística de coleta de dados (delimitação das unidades territoriais de coleta). Para maiores detalhes ver Buttimer (1980) e Derruau (1964).

Sua preocupação com os aspectos funcionais, indo além dos puramente morfológicos trabalhados pelos geógrafos alemães com Schlüter, Gradmann e Meitzen, é percebida por suas reflexões sobre os efeitos da tecnologia nas atividades humanas e seus reflexos espaciais na distribuição, densidade e limites do povoamento em vários contextos geográficos.

Sorre (1880-1962) foi o que conseguiu sintetizar holísticamente as noções de gênero de vida e hábitat como o resultado final de uma ampla gama de relações entre aspectos físicos, culturais, tecnológicos que rege a convivência humana. Dos três, Sorre foi o que sentiu mais o poder da mundialização do progresso. Seus trabalhos sobre migrações modernas, turismo, difusão de doenças, espacialização de tecnologias e vida urbana dão um testemunho da grandeza de sua contribuição para a Geografia (Sorre, 1952).

O estabelecimento de relações mais ricas entre espaços sociais restritos (casa e aldeias) e regiões, pode ser verificado na obra de Armand Fremont, que faz uma interessante costura desses elementos, na segunda parte do livro, denominada: *Da Casa à Região* (Fremont, 1980).

É com esse pano de fundo que se deve avaliar a influência dessas concepções da Escola Francesa de Geografia no meio acadêmico brasileiro, no que diz respeito aos estudos de gênero de vida e hábitat. Muito embora, reconhecendo que não foi somente os franceses os que estudaram e orientaram os pesquisadores brasileiros no tema.

Os geógrafos do hábitat no Brasil : mestres introdutores do tema e seus seguidores

Segundo Grabois (1993), o período de ouro dos estudos sobre hábitat

no Brasil se dá entre meados da década de 40 e a de 50. Isso se explica em função do início dos trabalhos geográficos do Conselho Nacional de Geografia em 1937, órgão federal criado no contexto de centralização política e de planejamento do Estado Novo de Getúlio Vargas (Penha, 1993) e da consolidação das Faculdades de Geografia de São Paulo em 1934, sob a orientação de Pierre Defonttaines, Pierre Monbeig, Emmanuel De Martone, Maurice Le Lannou, Pierre Gourou entre outros, e a da Universidade do Distrito Federal em 1935, embrião da futura Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, sob a orientação também de Defonttaines e Mobeig, Philippe Arbos e André Gilbert

No contexto do Conselho Nacional de Geografia do IBGE, as figuras mais importantes, além do próprio Deffonttaines entre 1935 a 1939, foram durante o início dos anos 40, as do francês Francis Ruellan, dos alemães Leo Waibel e Gottfried Pfiffer, além dos americanos Robert Platt, Lynn Smith, Clarence F. Jones e Preston James (Pereira, 1994, p. 440).

No caso dos franceses, a quase totalidade, eram *lablacheanos* e conheciam muito bem os métodos de pesquisa de gênero de vida e hábitat. O mais importante trabalho dessa linha foi publicado por Pierre Monbeig - *Pionniers et Planteurs de São Paulo* em 1952. A influência de Demangeon e Sorre pode ser sentida por toda a obra.

Outro fato importante foi a vinda de Leo Waibel em 1946, trazido por influência de Cristóvão Leite de Castro, em virtude de ótimas recomendações dadas por Fábio de Macedo Soares Guimarães e Orlando Valverde, seus alunos em Winsconsin (Valverde 1992, entrevista). Seu trabalho sobre

hábitat rural e núcleos de população é parte de um artigo clássico, incluído no número especial de 50 anos da Revista Brasileira de Geografia em 1988. A perspectiva morfológica da Escola Alemã é perfeitamente sentida (Waibel, 1949).

Dos americanos, Clarence Jones e Preston James foram os que mais trabalharam com o tema colonização, por ocasião de suas estadas no Brasil (1948 e 1949, respectivamente). Jones foi o orientador de um trabalho de campo no Pantanal Matogrossense e escreveu o artigo "A Fazenda Miranda em Mato Grosso" publicado na Revista Brasileira de Geografia, volume 12, número 3, de jul./set. 1950 (*por sinal um número muito importante para o tema, pois além do artigo de Jones, estavam lá também os trabalhos de Nilo Bernardes sobre a colonização do Município de Santa Rosa-RS - e o artigo de Waibel em que ele avalia sinteticamente os seus estudos no Brasil, além de um relatório de uma expedição, feito por José Veríssimo da Costa Pereira aos Estados de São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais*).

Preston James (1939) já havia estudado o problema de colonização, uso da terra e gênero de vida no Sul no final da década de 30 e durante sua estada no Brasil publicou um importante trabalho sobre o uso da terra e processo de ocupação no vale do rio São Francisco (James, 1949) e ao voltar aos Estados Unidos escreveu um artigo sobre os tipos de uso da terra no Nordeste brasileiro no *Annals of the Association of American Geographers*, que posteriormente foi transcrito no Boletim Geográfico (James, 1960).

Essas matrizes de pensamento e de métodos de estudo, somadas ao trabalho de orientação que esses geógrafos organizaram junto aos seus alunos brasileiros, criaram uma

geração de geógrafos do hábitat e do gênero de vida, encarada aqui em seu sentido mais amplo, pois nesse grupo encaixam-se os que trabalharam com o processo de colonização, alguns geógrafos regionais, os agrários e alguns urbanos que se preocupavam com processos de ocupação em periferias urbanas.

O trabalho precursor de Euclides da Cunha

Os comentários de José Veríssimo da Costa Pereira em sua análise retrospectiva sobre os primórdios da Geografia brasileira (Pereira, 1955) levantam uma tese interessante sobre a importância das análises de Euclides da Cunha sobre a terra e os seres humanos da área de Canudos em seu livro *Os Sertões* publicado pela primeira vez em 1902. Na opinião de Pereira.

À luz da geografia moderna, o trecho referente ao exemplo destacado (diferença entre gaúcho e jagunço) demonstra que, em sua orientação básica, Euclides precedeu ao conceito lablacheano de gêneros de vida, aparecido em 1911. Tal conceito lablacheano é, aliás, persistente em Euclides da Cunha. Os princípios metodológicos de geografia humana formulados por Demangeon em 1947, foram espontaneamente aplicados por Euclides em Os Sertões, conforme já ficou demonstrado (Pereira, 1955, p. 424).

No contexto desse trabalho sobre hábitat e gênero de vida, é de grande importância ler o capítulo V da obra de Euclides da Cunha (1982, p. 112-143), para se ter uma impressionante sensação de que o autor, efetivamente, conhecia o método de avaliação de uma forma de hábitat conforme Demangeon e Sorre ensinariam no final da década de 40.

O amplo contexto dos estudos de hábitat e gênero de vida no Brasil

Embora reconhecendo que a abordagem escolhida, *de estabelecer uma classificação de 69 trabalhos publicados, em sua maioria pelo IBGE*, deixe de fora muitos estudos que, possivelmente, iluminariam muito mais a questão do hábitat no Brasil. Objetiva-se com ela, considerar esse trabalho como um exercício de pesquisa, não tendo, por isso, a presunção de um *improvável* esgotamento do assunto.

Restrição de natureza semelhante, também se estabelece no procedimento classificatório, pois reconhece-se que, haverá sempre uma tipologia melhor, dependendo do empenho e da perspicácia do pesquisador, na análise das ocorrências das diversas combinações de enfoques desses inúmeros trabalhos.

Os estudos clássicos sobre hábitat

Se levarmos em consideração o escopo dessa pesquisa, é possível reconhecer que foram poucos os trabalhos que, explicitamente, trataram do tema, tanto no título quanto no conteúdo

Nesse grupo, um dos que mais se enquadram é o de Antônio Teixeira Guerra, fruto de seus trabalhos de campo no antigo Território do Rio Branco (atual Roraima) e que descreve os diferentes tipos de habitação rural daquela região (Guerra, 1955).

Merecem também destaque os trabalhos de Nilo Bernardes (1957) e de José Grabois (1993). O primeiro, por estabelecer os principais parâmetros para os futuros

estudos, discutindo sistematicamente as principais formas espaciais de hábitat no contexto brasileiro. O segundo, pela coragem em resgatar o tema na década de 90, resgate este, feito com maestria, pois como Max Sorre, o autor estabeleceu vínculos históricos, econômicos e culturais das formas de hábitat rurais e urbanas com o processo de subordinação dos pequenos produtores das terras altas da transição Agreste-Mata do norte de Pernambuco aos grandes produtores de cana. Além de detectar uma forma própria de hábitat urbano a "ponta de rua", verdadeiro obstáculo de classe a separar os que já são "urbanos", dos que estão chegando, após uma expulsão da área rural.

Nos anos 60 foi traduzido e publicado no Boletim Geográfico (Nash, 1961) o capítulo Habitações do Brasil Rural, do Livro de Roy Nash *A Conquista do Brasil*. Esse mesmo capítulo já havia sido publicado em 1923 numa revista de geografia americana e descrevia os sete principais tipos de casas que eram construídas nas áreas rurais brasileiras, sob a ótica dos materiais empregados nas paredes (folhas de palmeiras, barrote ou taipa, pedra, fibras ou esteiras, turfa, madeira e tijolos). Nash também descreve alguns padrões de concentração das habitações rurais brasileiras comparando-os com o padrão mediterrâneo, além de tecer considerações sobre o problema de higiene e doenças tropicais.

Na década de 70, o trabalho de Írio Barbosa da Costa e Helena Mesquita identificou e sistematizou visualmente os principais tipos de habitação rural no Brasil, sendo, pois, um guia de referência importante até hoje (Costa, Mesquita, 1978).

Os estudos de hábitat em Antropologia, Sociologia e Arquitetura

Foram selecionados cinco trabalhos publicados entre os anos 70 e

90, sendo que apenas um deles era de autoria de uma pesquisadora do IBGE, antropóloga do Departamento de Indicadores Sociais Maria Helena Beozzo de Lima (1981) o segundo, de uma antropóloga do Departamento de Comunicação da Universidade de Santa Catarina (Rial, 1992), o terceiro, de um geógrafo francês sobre o significado das cercas em pequenas comunidades rurais, transcrito de um periódico regional da França (Bonnaud, 1973), o quarto, de uma dupla de arquitetos que exploraram a arquitetura *Kitsch* na área suburbana e rural do Rio de Janeiro (Guimaraens, Cavalcanti, 1982) e o quinto, de uma dupla de arquiteto/antropólogo (Santos, Vogel, 1981) sobre o hábitat urbano do ponto de vista antropológico em dois bairros do Rio de Janeiro Catumbi (antigos quarteirões remanescentes de um processo de renovação urbana) e Leblon (um conjunto habitacional de classe média conhecido como Selva de Pedra).

Sob o ponto de vista geográfico, o estudo mais marcante é o de Beozzo de Lima, que mostra o processo de ocupação das áreas periféricas da RM/RJ por uma população de baixa renda, explicando os mecanismos de construção das casas e suas lutas contra as duras condições de vida a que são submetidos os que sonham em construir uma casa própria em áreas tão abandonadas pelo poder público. O livro de Carlos Nelson e Arno Vogel oferece um importante contraponto sobre o viver em espaços urbanos distintos. Para fins mais especulativos, o livro de Guimaraens e Cavalcanti (1982) pode ser uma referência interessante para análises de hábitat em áreas urbanas, ainda não conquistadas pela onda dos edifícios multifamiliares. Uma combinação entre o trabalho de Costa e Mesquita (1978) sobre habitações rurais e esse, que cobre a área periurbana, poderia gerar questões inusitadas para o avanço do tema.

Os estudos de colonização e de povoamento com ênfase no hábitat e no gênero de vida

Esse conjunto de 14 títulos congrega os trabalhos dos especialistas em processos de povoamento em geral e de colonização em particular. Sem sombra de dúvida, o trabalho mais importante é o de Leo Waibel, que explica o processo de colonização por europeus no Sul do Brasil (Waibel, 1949).

Do mesmo período estão os artigos de Wagemann (1948-1949) sobre a colonização alemã no Espírito Santo e o primeiro trabalho de Speridião Faissol (1949) sobre uma colônia alemã - Uvá - na Região do Mato Grosso de Goiás, artigo que iniciou uma série de mais quatro sobre o tema colonização (Faissol 1951, 1952 a, b, c), incluindo um, de cunho didático, que explica os principais aspectos do processo de colonização (Faissol, 1952 d), além do livro *O Mato Grosso de Goiás*, que será tratado no próximo conjunto.

Nilo Bernardes também aparece com três títulos (Bernardes, 1950, 1952, 1967) sendo que um deles (1952), tratando do mesmo assunto - colonização europeia no Sul do Brasil - que Leo Waibel havia estudado em 1949. O anterior (1950) tratou da colonização no município gaúcho de Santa Rosa e o último, mais recente (1967), analisou o processo de colonização em Alagoas.

Roberto Lobato Corrêa iniciou sua carreira profissional com um trabalho sobre a colônia alagoana de Pindorama (Corrêa, 1963) e na década seguinte (Corrêa, 1970), escreve um trabalho de resgate histórico e geográfico de uma área antes do processo de colonização - o sudoeste paranaense.

Neste conjunto, também estão duas transcrições de autores estrangeiros que escreveram em periódicos do exterior, em períodos diferentes, Jean Roche no *Les Chiers D'Outre Mer* em 1959 (Roche, 1960) e Keith Derald Müller no *Migration News* de 1973 (Müller, 1975) Roche abordou a vida rural nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul e Müller, utilizando o exemplo do Município de Toledo, no oeste paranaense estudou os mecanismos do planejamento de colonização que se estruturaram na Região Sul do Brasil

O padrão clássico dos trabalhos sobre colonização enfatizando o Gênero de Vida, geralmente consta de bons mapas de distribuição dos povoados e sedes de fazendas, aliado a boas interpretações sobre as condições naturais e sobre os processos econômicos emuladores do povoamento, além de algum resgate histórico que caracterize o espaço estudado.

Estudos regionais com ênfase no gênero de vida e economia

O grande grupo dos estudos regionais contém 25 títulos e é o mais eclético e amplo de todos. Abarca praticamente todo o Território Nacional e trata de uma vasta gama de assuntos geográficos, mas mostra uma clara tendência para a geografia agrária, com os processos de povoamento e de estruturação econômica que a acompanham.

O típico estudo regional pode cobrir vários aspectos de um determinado espaço e alguns dos aqui escolhidos são hoje considerados clássicos por sua abrangência e minudência dos assuntos tratados. O artigo de Leo Waibel sobre as zonas pioneiras (Waibel, 1955), o livro de Speridião Faissol sobre o Mato Grosso de Goiás (Faissol, 1952 b), o artigo de

Preston James no *Annals of the Association of American Geographers* de 1953, transcrito no Boletim Geográfico (James, 1960), o guia de excursão de Orlando Valverde sobre o Planalto Meridional do Brasil, para o XVIII Congresso Internacional de Geografia de 1956 realizado no Rio de Janeiro (Valverde, 1957), o artigo de Nilo Bernardes sobre as bases geográficas do povoamento do Rio Grande do Sul (Bernardes, 1962), o livro de Manoel Correia de Andrade sobre a formação geográfica física e humana do Nordeste (Andrade, 1963), o artigo de Bertha Becker sobre o norte do Espírito Santo, que foi sua tese de Livre Docência na UFRJ (Becker, 1973) são alguns exemplos representativos desses clássicos.

Destaque-se também a grande produção de Orlando Valverde (oito títulos) abrangendo praticamente todas as regiões do País, com trabalhos de alta qualidade e detalhamento.

Percebe-se neste conjunto de trabalhos uma concentração espacial na Região Nordeste, com 11 títulos (Andrade, 1963), (Barros, 1964), (D'Almeida, 1944), (Grabois, Silva, 1991), (Grabois, Marques, Silva, 1991), (Grabois, Silva, Maciel, 1992), (James, 1953), (Prost, 1968), (Valverde, 1955, 1957) e (Valverde, Mesquita, 1961). A Região Sul aparece com cinco títulos (Bernardes, L., 1953), (Bernardes, N., 1952 e 1962), (Pebayle, 1968), (Valverde, 1957), além de ter uma forte participação nos exemplos de Leo Waibel em seu artigo As zonas pioneiras do Brasil (Waibel, 1955).

Os estudos sobre gênero de vida com enfoque econômico ou sociológico

No contexto da tipologia seguida, indubitavelmente, esse foi o

grupo que mais causou dúvidas, devido às amplas possibilidades de se classificar um trabalho tanto como estudo de hábitat quanto como regional. Na medida do possível, foi dado como preponderante para sua inclusão no grupo, que o trabalho se orientasse por um tema que o enquadraria nos estudos de gênero de vida, como por exemplo: um espaço produtivo e o tipo de vida de seus ocupantes, uma atividade rural, os valores e influências de determinadas culturas modificando ou sendo modificadas pelo espaço estudado, além dos artigos de cunho didático/informativo a respeito do tema.

Os títulos de maior destaque foram. a transcrição de um artigo de Max Sorre (1948) sobre a noção de gênero de vida, os artigos de Valverde, explicando o que é Antropogeografia (Valverde, 1957), além do clássico trabalho sobre a fazenda escravocrata de café (Valverde, 1967), e o livro de Antônio Cândido (1964), tratado de sociologia sobre o gênero de vida do caipira paulista e sua transição para o mundo urbano, pesquisa realizada no Município de Bofete (SP).

Além desses, também aparecem trabalhos que, ao estudarem um determinado espaço regional, orientaram suas pesquisas para um determinado setor produtivo ou atividade. Como nos casos do trabalho de Florêncio de Abreu ao escrever sobre a Antropogeografia do Rio Grande do Sul, vinculando-a à pecuária de corte (Abreu, 1940), do artigo de José Almeida sobre os pioneiros do Vale do Rio São Francisco, onde a ligação com a pecuária também foi preponderante (Almeida, 1959). No contexto da produção açucareira, os trabalhos de Vivaldo Coaracy sobre os antigos engenhos cariocas (Coaracy, 1957), o de Miguel Costa Filho sobre os engenhos mineiros (Costa Filho,

1962) são os mais significativos. Ainda nesta linha o artigo de Walter Alberto Egler sobre a cultura fumageira do Recôncavo Bahiano (Egler, 1952) completa o subconjunto.

Existe, ainda, um interessante artigo de Orlando Valverde que trata da influência da imigração italiana nas modificações dos processos agrícolas em algumas regiões brasileiras e suas implicações no crescimento econômico do País (Valverde, 1959).

Estudos de periferia rural/urbana

A principal razão da inclusão desse grupo de estudos, está nas preocupações de Max Sorre (1948) sobre a necessidade de se criar uma nova tipologia de gêneros de vida, baseada nas novas realidades da vida urbano-industrial.

Alguns dos pesquisadores que escreveram esses trabalhos, talvez não estivessem preocupados, como esteve Sorre, com as questões ligadas à transição rural-urbana que estava tomando velocidade e ampliando sua escala, no pós-guerra, mas mesmo assim, deixaram suas contribuições para o que deveria ser o novo espaço de entendimento do gênero de vida e das novas formas de hábitat - a área periférica das metrópoles.

Do conjunto de dez títulos, destacam-se os trabalhos de Pedro Geiger e de alguns colaboradores sobre a Baixada Fluminense (Geiger, 1952 e 1956, Geiger, Coelho, 1956, Geiger, Santos, 1954), o de Nilo Bernardes sobre atividades rurais em área montanhosa na cidade do Rio de Janeiro (Bernardes Nilo, 1959), o de Lysia Bernardes sobre uso da terra na periferia de Curitiba (Bernardes Lysia, 1956). Além desses, pode-se citar também o trabalho de Henrique Sant' Anna

sobre a ocupação humana na atual região dos lagos no Estado do Rio de Janeiro (Sant'Anna, 1968), e o artigo de Edmon Nimer e Jacob Binsztok sobre o espaço rural periférico à cidade capixaba de Castelo (Nimer, Binsztok, 1967).

As questões sobre loteamentos, mudanças de atividades agrícolas, cristalização de hábitos rurais e resistências às mudanças são mais ou menos percebidas nesses trabalhos. As preocupações de caráter social levantadas por Pedro Geiger e colaboradores ao estudar as articulações econômicas que envolviam processos fundiários que já estavam ocorrendo na Baixada Fluminense no início da década de 50 foram de grande relevância, ao anteverem especialmente os problemas que marcariam a área periférica da atual Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

As novas formas de hábitat no Brasil

As palavras de Grabois (1993, p.10) serão o principal parâmetro de referência desta seção, pois ao se abstrair a palavra *rural* de seu texto, todo o resto encaixa-se perfeitamente neste contexto...

Assim, a forma pela qual percebemos o hábitat identifica-se com a concepção de que a sociedade rural é um conjunto de relações organizadas de trabalho e convívio social, incluindo formas mais ou menos elaboradas de consciência coletiva. Estruturada em classes sociais, esta sociedade se sustenta num determinado meio natural, o qual é modificado e aproveitado pela população, através de técnicas e formas de produção e intercâmbio, historicamente condicionados.

Além das formas de hábitat clássicas já conhecidas, tanto pela Es-

cola Francesa, quanto pela Alemã é possível exemplificar algumas formas novas, que estão ocorrendo no território brasileiro, tanto em áreas desenvolvidas, quanto em áreas deprimidas, tanto no contexto rural, quanto no urbano

Hábitat dos bóias-frias e dos sem-terra

O primeiro exemplo dessas formas pode ser percebido pela evolução do hábitat dos bóias-frias do interior de São Paulo. O trabalho de Mello (1976, p. 67-84) quando descreve o processo migração campo-cidade na região da Alta Sorocabana explica em linhas gerais que a modernização do campo expulsa os pequenos sítiantes, trabalhadores de parceria e peões e que, paralelamente, a cidade atrai o migrante rural com:

empregos domésticos para os elementos femininos da família e alguns serviços urbanos, como escola e assistência médica. Para o homem do campo, a possibilidade de trabalhar na cidade apresenta-se como algo bastante indefinido. Isto faz com que ele já ingresse na vida urbana, na categoria de trabalhador disposto a vender a sua força de trabalho por qualquer preço, realizando qualquer serviço (p.74).

Nos anos 70, a principal forma de hábitat que caracterizava os bóias-frias eram as favelas lineares ao longo das estradas, geralmente nas proximidades das cidades médias paulistas do oeste. Nos anos 80, na área da cana-de-açúcar (região de Ribeirão Preto), em função do movimento de reivindicações de Guariba, essa forma de hábitat mudou para a formação de núcleos habitacionais concentrados em al-

guns pontos entre a estrada e o canal, não necessariamente próximos das cidades. O nucleamento ou é de casas unifamiliares, ou de edifícios de quatro pavimentos, geralmente em grupos de dez. Nesses nucleamentos formam-se embriões de vilas com os principais serviços básicos, que garantem a demanda dos moradores. No Pontal do Paranapanema, nos anos 90, o nomadismo dos sem-terra ainda é forte e o seu padrão de habitação improvisada ainda é característico.

Grabois (1993) em sua pesquisa de hábitat no norte de Pernambuco constatou a forma "ponta de rua" estruturação de habitações nas periferias de povoados ou de pequenas cidades, de antigos moradores expulsos das terras de cultivo de cana. O fenômeno da "ponta de rua" é a mesclagem entre o nosso entendimento de favela (considerando aqui a baixa qualidade do imóvel) e a formalização de uma aparência de urbanização muito precária (levando-se em consideração a aceitação do alinhamento dos imóveis na rua tradicional).

No Maranhão, desde a década de 70, a forma linear ao longo das estradas, e que se movimenta tal qual um enxame de abelhas, exemplifica o tipo de hábitat de alto dinamismo que ocorre nas áreas de frentes pioneiras que acompanham as vias de penetração.

Essa população não pode ser caracterizada como o bóia-fria do interior de São Paulo, pois sobrevive de trabalhos prestados às fazendas ao longo das estradas, "o peão de trecho", além da coleta do coco de babaçu, geralmente feita por mulheres e crianças. Alguns desses núcleos se cristalizaram em povoados ao longo de algumas encruzilhadas no Maranhão e no Pará.

Hábitat dos mineradores e dos garimpeiros e de alguns trabalhadores especializados

Um outro tipo de hábitat previamente planejado é o das *Company Towns* que, no Norte do Brasil, geralmente, abriga trabalhadores de mineração, e no caso específico do Projeto Jari, um conjunto mais heterogêneo de trabalhadores, indo da mineração à agricultura e reflorestamento

O nucleamento se dá próximo da atividade principal, ou junto ao ponto de transbordo (geralmente porto fluvial). A forma concentrada é uma imposição do tipo de trabalho realizado. A estrutura hierárquica é perfeitamente percebida, com as alas de residências do pessoal de nível superior, as dos quadros técnicos e as dos trabalhadores braçais. Recentemente, a economista/planejadora urbana Rosélia Piquet lançou um livro sobre o assunto (Piquet, 1998) exemplificando cinco cidades que foram criadas para darem suporte a grandes projetos empresariais, tanto governamentais, quanto privados (Volta Redonda [RJ] e Ouro Branco [MG] na siderurgia, Telêmaco Borba [PR] e Aracruz [ES] na fabricação de papel e no florestamento e Carajás [PA] na mineração de grande porte). O trabalho de Piquet, apesar de ser voltado muito mais para aspectos econômicos e históricos do que para a questão do hábitat, agrega muito conhecimento ao tema

Em algumas dessas áreas, coexistem "invasões" mais ou menos legais de uma população que vive às custas de oferecer produtos e serviços para os diferentes estratos desses trabalhadores. Os exemplos do "Beiradão" no Jari, na divisa entre Pará e Amapá, as concentrações

humanas, junto aos portões de Carajás até Paraopebas no Pará, e algumas concentrações, junto aos acessos de algumas mineradoras de estanho em Rondônia são os exemplos mais característicos dessa forma nova de hábitat.

O caos aparente dessas habitações apresenta sua lógica espacial interna própria, visando a facilitar o acesso dos usuários dos bens e serviços, mesmo em detrimento dos moradores. Casas de prostituição, pensões, bares e lojas de produtos de alimentação e material de caça e pesca e compra de ouro são as mais frequentes nesses aglomerados

Nas áreas de garimpo, a extrema mobilidade da população cria formas de hábitat inusitadas, que vão desde os aparecimentos de bairros garimpeiros na periferia imediata de Boa Vista, que garantem a logística dos seus habitantes que, temporariamente, vão para a região dos Ianomamis em busca de ouro, até comunidades "estáveis", em Itaituba, no Pará, que dão sustentação aos garimpos das regiões dos vales do Jamaxim e Crepori na bacia do Tapajós. Além das comunidades de balseiros que proliferam ao longo dos rios Madeira e Mamoré em Rondônia e do Oiapoque, que faz fronteira do Amapá com a Guiana Francesa.

A visão apocalíptica dos carregadores de rejeitos em Serra Pelada e suas concentrações habitacionais em Curionópolis (PA) deu, nos anos 80, uma noção muito verdadeira da miríade de formas de hábitat, que é a principal marca do Brasil atual

A importância do hábitat no planejamento dos censos

A principal tarefa geográfica numa operação de Censo Demográfico insere-se na etapa de pla-

nejamento e execução da base geográfica operacional. Isto é, a delimitação dos setores censitários, passíveis de serem trabalhados pelos recenseadores (agentes de coleta). Nesse procedimento, está embutido o estudo de Demangeon que levou à definição de um sistema classificatório de aglomerados humanos e ao índice estatístico de dispersão das habitações, ver Derruau (1964, p. 384-387)

A maior dificuldade desse planejamento é justamente uma conceituação objetiva de aglomerado e assentamento que se situam em áreas rurais, já que na área urbana contínua, a delimitação dos setores censitários é amarrada à existência de quarteirões e ao tamanho médio dos edifícios multifamiliares.

No âmbito do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE -, que é a principal agência do governo federal encarregada das operações censitárias no País, a tarefa de conceituar e testar a operacionalização das categorias de aglomerados rurais, para a otimização das operações de coleta de dados nos respectivos domicílios, é sempre passível de alterações de censo para censo

O trabalho de Fredrich, Brito e Rocha (1983), publicado na principal revista de estudos estatísticos do IBGE, dá uma idéia da complexidade desse problema vivido pelos recenseadores do Censo Demográfico 1980 e três anos após o encerramento dos trabalhos de apuração, coloca em discussão o tema, para que os planejadores dos próximos, possam se utilizar dos resultados dos estudos e dos debates técnicos.

A principal questão em pauta no artigo é a sugestão de modificação da definição de aglomerados rurais para fins censitários, por que nas palavras das autoras:

... a conceituação adotada para o Censo de 1980 tem limita-

ções que impedem uma melhor caracterização do fenômeno pesquisado. Uma primeira limitação, que está relacionada ao fato da definição legal de urbano e rural respeitada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - nos levantamentos censitários, nem sempre retrata a realidade da ocupação urbana, se refere a não identificação entre os chamados aglomerados rurais, dos assentamentos que são, na verdade, de natureza urbana, ou seja, de áreas urbanizadas situadas fora dos perímetros urbanos definidos por lei. O problema alcança maior expressão na periferia das cidades de maior tamanho e dinamismo, cuja expansão ultrapassa, muitas vezes, os limites do perímetro urbano legal.

Outras limitações referentes às instruções para a conceituação de aglomerados rurais foram também avaliadas. definição correta de tamanho e distância entre “casas de moradia”, dúvidas quanto à definição de setor especial (presídios, canteiros de grandes obras, etc.) e critérios de composição da população envolvida (sexo e percentual da População Economicamente Ativa - PEA).

A proposta deixada no artigo pelas autoras, vai desde os critérios de

definição de cada tipo de aglomerado por tamanho, densidade, repartição da PEA, segundo setores de atividade. Além de apresentar testes de campo no Estado do Rio de Janeiro e no Maranhão

Nas justificativas as autoras colocam que:

... No caso dos aglomerados isolados, o tamanho mínimo de 51 domicílios permitirá que não se deixe de reconhecer e registrar a especificidade de adensamentos demográficos que tem importância como ponto de convergência da população rural para a comercialização de produtos e realização de serviços. Para o planejamento, é imprescindível a identificação desses pontos que servem eficientemente, por exemplo, à logística de implantação de programas educacionais e de saneamento.

Trabalhos como esse devem ser entendidos como uma das múltiplas faces do tema hábitat, pois gera subsídios para um entendimento melhor da distribuição espacial da população urbana e rural

Conclusões

A razão principal desse trabalho é tentar modificar o cenário de abandono por que tem passado os

estudos de hábitat na Geografia e reagir positivamente contra as considerações que vinculam os estudos do hábitat a “peças de museu” ou “temas ultrapassados”

O objetivo é didático, pois deve ser associado à escolha de temas de pesquisa que visem a um revigoramento do assunto, principalmente, através de vinculações com os estudos de outros profissionais, como arquitetos, antropólogos e sociólogos. Mostrar também, que não há (ou pelo menos não deveria haver) assunto ultrapassado ou fora de moda, pois uma área de conhecimento tão heterogênea como a Geografia, não deveria se amarrar a moda de hegemônicas, como infelizmente tem ocorrido com relativa frequência no Brasil.

As novas formas de hábitat estão a nossa volta, é só saber procurar. Os velhos mestres europeus que vieram ensinar aos geógrafos brasileiros, nas décadas de 40 e 50, tinham uma constante pergunta, que não pode ser esquecida:

“O que estamos vendo”?

Devemos continuar a responder a essa pergunta, pois, com isso, a Geografia avança. A visão das modificações espaciais e as explicações dos seus processos criadores nunca abandonarão os estudos geográficos sérios.

Bibliografia

- ABREU, Florêncio de O gado bovino e sua influência sobre a antropogeografia do Rio Grande do Sul *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 11, n 116, p 466-476, set./out 1953. Transcrição dos Anais do 9 Congresso Brasileiro de Geografia, 1940
- AB'SÁBER, Aziz Nacib Os sertões a originalidade da terra *Ciência hoje*, Rio de Janeiro, maio, 1992 Volume especial · Eco Brasil.
- ALMEIDA, José Pioneiros no Vale do São Francisco. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 17, n 50, p. 227-228, maio/jun 1959
- ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste* São Paulo Brasiliense, 1963
- BARROS, Haidine da Silva O Cariri cearense . o quadro agrário e a vida urbana *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 26, n 4, p 549-592, out /dez 1964
- BECKER, Bertha O norte do Espírito Santo região periférica em transformação *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 35, n 3-4, jul /dez 1973
- BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti O problema das frentes pioneiras no estado do Paraná *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 15, n 3, p 335-384, jul./set 1953
- ____ Problemas de utilização da terra nos arredores de Curitiba. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 18, n 2, p 269-276, abr /jun 1956
- BERNARDES, Nilo Bases geográficas do povoamento do estado do Rio Grande do Sul *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 20, n. 171, p. 587-620, nov /dez 1962
- ____ A colonização do município de Santa Rosa Rio Grande do Sul *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 12, n 3, p 33-42, jul./set 1950
- ____ A colonização européia no sul do Brasil *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 10, n 106, p 89-102, jan./ fev 1952
- ____ Condições geográficas da colonização em Alagoas *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 29, n. 2, p 65-83, abr /jun 1967
- ____ A expansão do povoamento no estado do Paraná *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 14, n 4, p 427-451, out /dez 1952
- ____ Notas sobre a ocupação da montanha do Distrito Federal. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 21, n 3, p 363-388, jul /set. 1959.
- ____ O problema do estudo do habitat rural no Brasil. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 22, n 176, p 529-544, set /out 1963 Transcrição do Boletim Carioca de Geografia, v 10, n 1-2, 1957
- BONNAUD, Pierre A cerca e o lugarejo as palavras e as coisas *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 32, n 234, p 55-79, maio/jun. 1973. Transcrição de Revue D' Auverne
- BRUNHES, Jean. *Geografia humana* Rio de Janeiro Fundo de Cultura, 1962 Edição original 1902
- BUTTNER, Anne *Sociedad y medio en la tradición geográfica francesa* Barcelona Oikos-Tau, 1980 Edição original 1972
- CÂNDIDO, Antônio *Os parceiros do Rio Bonito*. 4 ed São Paulo · Duas cidades, 1977 Edição original 1964.
- CHORLEY, Richard J. La geografía como ecología humana In. NUEVAS tendencias en geografía Madrid Instituto de Estudios de Administración Local, 1975. Edição original 1973
- COARACY, Vivaldo. Velhos engenhos cariocas *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 162, p 362-365, maio/ jun 1961 Transcrição de. Brasil açucareiro, n. 2, ago. 1957.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A colônia Pindorama : uma modificação na paisagem agrária dos tabuleiros alagoanos *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 25, n 4, p 479-484, out./dez. 1963.

- _____. O sudoeste paranaense antes da colonização *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 32, n 1, p 87-98, jan./mar 1970.
- COSTA, Írio Barbosa da., MESQUITA, Helena Maria *Tipos de habitação rural no Brasil* Rio de Janeiro . IBGE, 1978 70 p
- COSTA FILHO, Miguel. Engenheiros de Minas Gerais *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 20, n 170, p 474-482, set /out 1962
- CUNHA, Euclides da *Os sertões: campanha de canudos* 31. ed. Rio de Janeiro Francisco Alves, 1982 416 p Edição original 1902.
- D' ALMEIDA, Otonira Gomes. O povoamento do Piauí pelos criadores de gado Domingos Afonso Sertão. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 20, n 169, p 409-414, jul./ago 1962. Transcrição da Revista *Serviam*, Rio de Janeiro, v 2, n 4, dez. 1944
- DAVIS, Mike. Linhas de poder e revolução feita em casa In *CIDADE de quartzo: escavando o futuro em Los Angeles* São Paulo Scrita. Página Aberta, 1993. Edição original 1990
- DEBLIJ, HarmJ *Dwellings and villages* In: *HUMAN geography: culture, society, and space* New York John Wiley & Sons, 1977
- DEMANGEON, Albert. *Problèmes de géographie humaine* Paris Armand Colin, 1942
- DERRUAU, Max *Tratado de geografia humana* Barcelona Vicens-Vives, 1964. Edição original 1961
- EGLER, Walter Alberto. Aspectos gerais da cultura do fumo na região do recôncavo da Bahia *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 10, n 111, p 679-688, nov./dez. 1952.
- FAISSOL, Speridião Alguns aspectos do problema da colonização no Brasil *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 10, n 111, p 691-712, nov./dez 1952a
- _____. A colônia alemã de Uvã *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 11, n 1, p. 93-110, jan /mar. 1949
- _____. A Fazenda Boa Esperança Goiás. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 285-292, abr./jun 1951
- _____. *O Mato Grosso de Goiás*. Rio de Janeiro . IBGE, 1952b.
- _____. O núcleo colonial de Barão de Antonina (São Paulo) *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 10, n 109, p 451-452, jul /ago 1952c
- _____. O que é colonização? *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 14, n. 3, p 363-367, jul /set 1952d
- FREDRICH, Olga Maria B. L., BRITO, Sebastiana R de, ROCHA, Sônia Conceituação e operacionalização da categoria de aglomerados rurais como situação de domicílio para fins censitários *Revista Brasileira de Estatística*, Rio de Janeiro . IBGE, v. 44, n 173/174, p 199-225, jan./jun 1983
- FREMONT, Armand *A região, espaço vivido* Coimbra : Almedina, 1980 Edição original 1976
- GEIGER, Pedro Pinchas Ensaio sobre a Baixada Fluminense *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 10, n. 110, p 571-579, set /out. 1952
- _____. A região setentrional da Baixada Fluminense. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p 3-69, jan./mar 1956
- _____, COELHO, Míriam Gomes. *Estudos rurais da Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro · IBGE, 1956. 211 p. (Biblioteca geográfica brasileira Série A , n 12)
- _____, SANTOS, Ruth Lyra Notas sobre a evolução da ocupação humana na Baixada Fluminense. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 291-313, jul /set 1954
- GEORGE, Pierre. *A ação humana* São Paulo . DIFEL, 1971.
- _____. *La campagne . le fait rural a travers le monde*. Paris : Presses Universitaires de France, 1956
- _____. *Geografia agrícola do mundo*. São Paulo · DIFEL, 1972.
- _____. *Os métodos da geografia*. São Paulo . DIFEL, 1978. 119 p.

- _____. *Précis de géographie rurale* Paris · Presses Universitaires de France, 1963.
- GLACKEN, Clarence J. *Traces on the Rhodian Shore* Berkeley · University of California Press, 1990 Edição original 1967
- GRABOIS, José. *Que urbano é esse? Características e problemas do habitat nas terras altas de transição agreste mata do norte de Pernambuco* Rio de Janeiro · Universidade Federal Fluminense, 1993
- _____, SILVA, Mauro José da. Obrejo de Natuba . estudo da organização de um espaço periférico *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 53, n 2, p 33-62, abr / jun 1991.
- _____, MARQUES, Marta Inez M , SILVA, Mauro J da. A organização do espaço no baixo Vale do Taperoá . uma ocupação extensiva em mudança *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 53, n. 4, p 81-114, out./dez 1991
- _____, SILVA, Mauro José da, MACIEL, Caio Augusto A. Reordenação espacial e evolução da economia agrária o caso das terras altas da transição agreste-mata do norte de Pernambuco *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 54, n. 1, p 121-177, jan /mar 1992
- GUERRA, Antônio Teixeira. Alguns aspectos geográficos da cidade de Rio Branco e do Núcleo Colonial Seringal - Empresa Acre *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 13, n 4, p 545-576, out /dez 1951
- _____. Notas sobre as habitações rurais do território do Rio Branco *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 13, n 125, p 173-177, mar /abr 1955
- GUIMARAENS, Dinah, CAVALCANTI, Lauro. *Arquitetura kitsch suburbana e rural* Rio de Janeiro Paz e Terra, 1982
- JAMES, Preston E. A bacia de São Francisco um sertão brasileiro *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 11, n 1, p. 119-122, jan /mar 1949
- _____. O problema da colonização permanente no sul do Brasil *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 1, n 4, p 70-84, out /dez 1939
- _____. Tipos de uso da terra no nordeste do Brasil. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 18, n 156, p 353-377, maio/jun 1960 Transcrição de *Annals of the Association of American Geographers*, v 43, n 2, Jun 1953
- JONES, Clarence F. A fazenda Miranda em Mato Grosso *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 12, n 3, p 353-370, jul /set 1950
- LEBON, J. H. G. *Introdução à geografia humana* Rio de Janeiro . Zahar, 1976 Edição original 1962
- LIMA, Maria Helena Beozzo de. Condições de habitação da população de baixa renda da região metropolitana do Rio de Janeiro *Revista Brasileira de Geografia* Rio de Janeiro, v 43, n 4, p 605-629, out /dez 1981.
- MEGALE, Januário Francisco. Geografia agrária objeto e método *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 34, n 247, p 63-72, out /dez 1975.
- MELLO, Maria Conceição D'Incao e. *Obóia fria* acumulação e miséria. 5 ed Petrópolis Vozes, 1976 154 p
- MONBEIG, Pierre. Os modos de pensar na geografia humana *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 68, 1994 Especial Edição original 1953.
- MULLER, Keith Derald. Um povoamento pioneiro planejado no sul do Brasil · Toledo *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 34, n 245, p 100-108, abr /jun 1975. Transcrição de *Migration News*
- NASH, Roy. Habitações do Brasil rural *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 19, n 163, p 460-468, jul /ago 1961.
- NIMER, Edmond, BINSZTOK, Jacob. Castelo e suas relações com o meio rural . área de colonização italiana *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 29, n 4, p 44-77, out /dez 1967
- PEBAYLE, Raymond. A vida rural na campanha rio-grandense *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 27, n 207, p 18-32, nov /dez 1968.
- PENHA, Eli Alves. *A criação do IBGE no contexto da centralização política do Estado Novo*. Rio de Janeiro . IBGE, 1993 123 p (Documentos para disseminação Memória institucional, n. 4)
- PEREIRA, José Veríssimo da Costa. A geografia no Brasil. In: AZEVEDO, Fernando de (Org). *As ciências no Brasil* 2 ed. Rio de Janeiro UFRJ, 1994. 2 v. Edição original de 1955

- PETRONE, Pasquale A região de São Luiz de Paraitinga . estudo de geografia humana. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 21, n 3, p 239-336, jul /set 1959
- PIQUET, Rosélia Cidade-empresa, Rio de Janeiro · Zahar, 1998 166 p
- PROST, Gerard O agreste de esperança a fronteira Cariri-Agreste de Esperança *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 30, n. 3, p 11-38, jul /set. 1968
- RIAL, Carmem Da casa de “antigamente” à casa decorada *Ciência hoje*, Rio de Janeiro, v 14, n. 82, p 18-24, jul. 1992
- ROCHE, Jean Alguns aspectos da vida rural nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 18, n. 156, p 378-394, maio/jun 1960
- SACK, Robert David *Human territoriality its theory and history* Cambridge · Cambridge University Press, 1986
- SANT’ANNA, Henrique Azevedo A ocupação humana na região Araruama - Cabo Frio notas de excursão *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 30, n 3, p. 55-76, jul /set. 1968
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos, VOGEL, Arno *Quando a rua vira casa* Rio de Janeiro Instituto Brasileiro de Administração Municipal FINEP, 1981
- SOJA, Edward W. Tudo se junta em Los Angeles e decompndo Los Angeles In: GEOGRAFIAS pós-modernas Rio de Janeiro Zahar, 1993 Edição original 1989.
- SORRE, Maximilien. *Les fondements de la géographie humaine*. Paris Armand Colin, 1952
- _____. A noção de gênero de vida e seu valor atual. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 21, n 172, p 30-38, jan / fev. 1963 Transcrição de Annales de Geographie, v 57, jul./set. 1948
- VALVERDE, Orlando. Estudo regional da Zona da Mata de Minas Gerais *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 3-82, jan /mar 1958
- _____. Antropogeografia *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 19, n 4, p. 357-360, jul /set. 1957
- _____. Entrevista. *Geosul*, Florianópolis, v 6, n 12/13, p. 224-247, 2. sem 1991/1 sem 1992
- _____. A fazenda de café escravocrata no Brasil *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 29, n 1, p 37-81, jan /mar 1967
- _____. Geografia econômica e social do babaçu no meio norte *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 19, n, 4, p 381-420, out /dez. 1957
- _____. (Org.) et al *A organização do espaço na faixa da transamazônica* Rio de Janeiro IBGE, 1989 2 v
- _____. *Planalto meridional do Brasil* Rio de Janeiro . IBGE, 1957. 339 p (Guia de excursão, n. 9)
- _____. O sistema de roças no Brasil e novas perspectivas econômicas para os trópicos úmidos o exemplo da Amazônia *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v 27, n 203, p 100-101, mar./abr 1968.
- _____. O uso da terra no leste da Paraíba *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, n 1, p. 49-90, jan /mar. 1955
- _____. A velha imigração italiana e sua influência na agricultura e na economia do Brasil. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 161, p 145-167, mar /abr 1961. Transcrição dos Cadernos da Indústria, Rio de Janeiro . SESI, n 1, 1959
- _____, DIAS, Catharina Vergolino. *A rodovia Belém - Brasília : um estudo de geografia regional* Rio de Janeiro : IBGE, 1967
- _____, MESQUITA, Myriam Gomes C. Geografia agrária do Baixo Açu *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 23, n. 3, p 455-493, jul./set 1961.
- WAGEMANN, Ernst. A colonização alemã no Espírito Santo. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 6, n 68-70, nov. -jan. 1948-1949
- WAIBEL, Leo *Capítulos de geografia tropical e do Brasil* Rio de Janeiro : IBGE, 1958 307 p
- _____. Princípios da colonização européia no sul do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 11, n 2, p. 159-222, abr /jun. 1949.
- _____. As zonas pioneiras do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v 17, n 4, p 389-422, out./dez. 1955.

Resumo

Recolocar na pauta de debates da Geografia brasileira, dos anos 90, a questão dos estudos sobre o hábitat e discutir sua relevância no contexto atual é o principal objetivo desse trabalho. Inicialmente, historiou-se os trabalhos de alguns profissionais que iniciaram os estudos sobre o hábitat no Brasil e que se tornaram referência clássica sobre o assunto, principalmente as relações entre os profissionais estrangeiros que vieram trabalhar no Brasil, e seus discípulos, que prosseguiram seus respectivos legados. O estabelecimento de uma sintética tipologia sobre esses estudos de hábitat e de gênero de vida, a partir de um conjunto de 69 trabalhos, foi a segunda tarefa, e que deve ser encarada aqui, como um exercício de pesquisa para fins didáticos e não como uma tentativa de esgotamento do assunto *estudos clássicos de geógrafos; os trabalhos de antropólogos, sociólogos e arquitetos, os estudos sobre colonização e povoamento, os estudos regionais que enfatizaram o hábitat, os de enfoque economicista, e os que enfatizaram as relações entre periferia rural e espaço urbano* foram algumas das inúmeras possibilidades de classificação do tema. Como desafio para os novos pesquisadores, foram também exemplificadas algumas novas formas de hábitat que estão ocorrendo atualmente no Brasil, tanto no contexto rural quanto no urbano. O trabalho finaliza mostrando a importância do estudo do hábitat no planejamento da *base geográfica operacional* dos Censos Demográficos, revisados decenalmente.

Abstract

To introduce again in the line of debates of the Brazilian Geography of the nineties the subject of the studies on the habitat and to discuss your relevance in the current context is the principal objective of that work. Initially, it was related the works of some professionals that began the studies on the habitat in Brazil and that they became classic reference on the subject, mainly the relationships among the foreign professionals that came to work in Brazil, and your disciples, that your respective legacies continued. The recognition of a synthetic typology on those habitat studies and of life gender, starting from a group of 69 works, it was the second task, and that here should be faced, as a research exercise for didactic ends and I don't eat an attempt of exhaustion of the subject: geographers' classic studies, the anthropologists' works, sociologists and architects; the studies on colonization and settlement, the regional studies that emphasized the habitat, the one of economist focus, and the ones that emphasized the relationships among rural periphery and space / urban they were some of the countless possibilities of classification of the theme. As challenge for the news researchers, they were also exemplified some news habitat forms that are happening now in Brazil, so much in the rural context, as in the urban. The work concludes showing the importance of the study of the habitat in the planning of the operational geographical base of the demographic censuses.